



“ERA UMA VEZ”: O USO DOS CONTOS DE FADAS COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA PARA ALFABETIZAÇÃO DE ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL¹

MARIA AUXILIADORA CRISTALDO DA SILVA²
BRUNO ALVES DE SOUSA³

RESUMO

Este artigo é uma revisão bibliográfica que explora o papel dos contos de fadas como ferramenta pedagógica na alfabetização de alunos com deficiência intelectual (DI) nas salas de AEE (Atendimento Educacional Especializado) no município de Extremoz, no Estado do Rio Grande do Norte. As narrativas encantam e estimulam a criatividade, oferecendo às crianças a oportunidade de refletirem sobre questões emocionais e sociais. Segundo teóricos como Piaget e Bettelheim, o pensamento infantil é naturalmente inclinado a atribuir vida a objetos inanimados, o que torna os contos de fadas especialmente eficazes na ampliação da compreensão de mundo das crianças. No contexto educacional, o uso de contos de fadas contribui para o desenvolvimento cognitivo e emocional, e, quando adaptado para alunos com necessidades especiais, permite maior inclusão e engajamento. Este estudo propõe a aplicação dessas histórias para estimular habilidades de leitura e escrita, criando um ambiente de aprendizado inclusivo e significativo para alunos com DI. A pesquisa conclui que a literatura infantil, além de promover o letramento, possibilita uma interação enriquecedora com o mundo, desenvolvendo integralmente os aspectos linguísticos, emocionais e sociais dos estudantes.

Palavras- chave: contos de fadas; deficiência intelectual; inclusão educacional; alfabetização; desenvolvimento cognitivo.

1 INTRODUÇÃO

Os contos de fadas possuem um papel significativo na formação de crianças, atravessando gerações e mantendo seu apelo através de diferentes versões e contextos. Essas histórias encantam pelo uso de elementos fantásticos e pelo enfrentamento de conflitos entre bem e mal, certo e errado, que permitem às crianças refletir sobre questões sociais, psicológicas e emocionais. O poder dessas narrativas está em sua capacidade de provocar identificação e promover o desenvolvimento emocional dos leitores, despertando sentimentos e questionamentos que se resolvem no desfecho das tramas.

Enquanto educadores, é nosso dever explorar o potencial pedagógico dos contos de fadas, utilizando-os como ferramentas para incentivar a criatividade, a imaginação e o desenvolvimento da linguagem. Para alunos com deficiência intelectual (DI), essa abordagem ganha ainda mais relevância, uma vez que requer

estratégias diferenciadas e recursos adaptados para que eles possam se apropriar do processo de aprendizagem. Segundo Piaget (1996), o pensamento infantil é animista, isto é, as crianças atribuem vida a objetos e seres inanimados, o que torna os contos de fadas especialmente adequados para trabalhar suas percepções e ampliar sua compreensão do mundo.

Bettelheim (1980) complementa, afirmando que as crianças acreditam que tudo que se move tem vida, como acontece nos contos em que animais e seres mágicos interagem e resolvem problemas. Nesse contexto, a literatura infantil não apenas entretém, mas também promove o desenvolvimento cognitivo, emocional e social, funcionando como um recurso formativo essencial na construção de habilidades críticas e expressivas.

Nas escolas, a literatura infantil deve ser utilizada de maneira inclusiva, especialmente com alunos que possuem necessidades educacionais específicas. Para esses estudantes, adaptar a leitura e promover atividades lúdicas permite que se sintam acolhidos no ambiente escolar, favorecendo sua participação e envolvimento. Quando a criança com deficiência intelectual é exposta a esse tipo de leitura, ela desenvolve não apenas habilidades de leitura e escrita, mas também amplia seu repertório de conhecimentos, permitindo uma interação mais significativa com o mundo ao seu redor.

Dessa forma, propomos o uso dos contos de fadas como instrumento pedagógico para a alfabetização de um aluno com deficiência intelectual nos anos finais do ensino fundamental em uma escola pública de Extremoz, no Rio Grande do Norte. A leitura de contos de fadas, além de despertar o interesse e a motivação dos estudantes, contribui para a construção de um ambiente de aprendizagem inclusivo e prazeroso. Essa prática deve ser apoiada por metodologias que promovam a compreensão e a expressão, respeitando o tempo e o ritmo de cada aluno, de modo que todos possam se beneficiar do processo de alfabetização e letramento.

Por fim, os contos de fadas, quando utilizados no contexto escolar, permitem que as crianças compreendam a si mesmas e o mundo ao seu redor, transformando o caos em ordem e ajudando-as a construir narrativas que organizam suas experiências. Ler não é apenas um ato de decodificação, mas um processo de inclusão que promove o desenvolvimento integral de todos os envolvidos. Assim, incluir alunos com deficiência intelectual no universo da literatura infantil é uma

forma de garantir seu direito à aprendizagem significativa e ao desenvolvimento pleno de suas capacidades linguísticas, emocionais e cognitivas.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 METODOLOGIA

A alfabetização de alunos com deficiência intelectual (DI) é um processo que exige paciência, criatividade e, acima de tudo, metodologias adaptadas às necessidades específicas de cada estudante. No contexto de uma educação inclusiva, é fundamental que os professores encontrem estratégias que despertem o interesse e promovam a compreensão dos conteúdos, respeitando o ritmo de cada aluno. No caso de João (nome fictício), um menino de 15 anos com diagnóstico de deficiência intelectual moderado, o desafio era encontrar uma abordagem que não apenas promovesse o aprendizado da leitura e da escrita, mas que também envolvesse o aluno emocionalmente e aumentasse sua motivação para aprender.

João havia passado os primeiros anos do ensino fundamental com dificuldades significativas para acompanhar as aulas de alfabetização. Ele demonstrava grande frustração durante as atividades que envolviam leitura e escrita, o que refletia em seu comportamento na sala de aula. Frequentemente, ele se isolava e evitava participar das atividades. Foi nesse contexto que decidi introduzir os contos de fadas como ferramenta pedagógica no processo de alfabetização de João. Segundo Bettelheim (1980), os contos de fadas possuem uma estrutura narrativa que atrai as crianças porque oferecem soluções para dilemas emocionais e psicológicos através de personagens e situações com as quais elas podem se identificar. Isso foi fundamental para capturar o interesse de João.

A escolha dos contos de fadas foi cuidadosamente planejada, levando em consideração as preferências de João e as habilidades que precisavam ser desenvolvidas. O primeiro conto escolhido foi "Chapeuzinho Vermelho", uma narrativa simples, com personagens claros e um enredo linear, o que facilitou a compreensão do aluno. Para adaptar o conto às suas necessidades, o texto foi reduzido e acompanhado de ilustrações grandes e coloridas, que ajudavam João a entender o enredo e a associar palavras escritas com imagens.

Nas primeiras sessões de leitura, eu li a história em voz alta enquanto João observava as imagens. Ele mostrou um grande interesse pelas figuras, e sua atenção se manteve por mais tempo do que o habitual. Gradualmente, passei a estimular João a identificar palavras-chave do conto, como "lobo", "floresta" e "avó", sempre associando as palavras a imagens e objetos concretos que ele pudesse reconhecer. Essa abordagem é apoiada por Piaget (1996), que destaca a importância de fornecer à criança meios visuais e tangíveis para associar conceitos abstratos, especialmente no caso de alunos com deficiência intelectual, que apresentam maior dificuldade em processar símbolos abstratos como a escrita.

Durante as atividades, notei que João começava a demonstrar maior interesse em tentar pronunciar as palavras e, com o tempo, conseguiu associar as palavras escritas às figuras correspondentes. A leitura de contos de fadas, além de despertar sua imaginação, criou um ambiente de aprendizado mais lúdico e inclusivo, onde ele se sentia confortável para errar e tentar novamente. Com o uso contínuo dessa metodologia, João começou a reconhecer as palavras mais frequentes nas histórias e, posteriormente, a construir frases curtas com a ajuda de um caderno de imagens.

À medida que o trabalho com os contos de fadas progredia, comecei a notar mudanças significativas no comportamento de João em relação ao aprendizado. A leitura de histórias como "Os Três Porquinhos" e "A Bela Adormecida" o envolvia de tal maneira que ele passou a participar mais ativamente das atividades de leitura em grupo. Essa interação social também favoreceu o desenvolvimento de sua linguagem oral, já que ele se sentia motivado a discutir os enredos com seus colegas e a antecipar o que aconteceria a seguir nas histórias.

Seguindo as orientações de Quadros (2004), que enfatiza a importância de adaptar o material didático ao nível de desenvolvimento do aluno, comecei a introduzir atividades de reescrita simplificada dos contos de fadas. O objetivo era estimular João a desenvolver suas habilidades de escrita de maneira gradual, sem sobrecarregá-lo com textos longos e complexos. A primeira atividade de reescrita consistia em completar palavras simples relacionadas à história. Por exemplo, ao trabalhar com o conto "Os Três Porquinhos", João deveria completar frases como: "O lobo soprou e...". Essas atividades permitiram que ele praticasse a formação de palavras, utilizando palavras que já havia aprendido e reconhecido durante a leitura.

Com o tempo, tentamos a produção de frases simples e João começou a desenvolver uma maior autonomia na escrita. Para apoiar esse desenvolvimento, utilizei uma técnica de modelagem de escrita, na qual ele podia observar exemplos de frases completas e, em seguida, criar as suas próprias, sempre com base nos elementos do conto de fadas. Além disso, atividades de escrita criativa foram introduzidas, incentivando João a criar finais alternativos para os contos. Essa prática não apenas desenvolveu suas habilidades de escrita, mas também sua capacidade de interpretação e imaginação, fatores fundamentais para o desenvolvimento cognitivo, como destaca Bettelheim (1980).

Outro avanço significativo foi na compreensão leitora de João. Inicialmente, ele apresentava dificuldades para entender os elementos principais das histórias, como os conflitos e as soluções. No entanto, com o uso repetido de contos de fadas e a prática constante de leitura e interpretação, João começou a demonstrar uma compreensão mais profunda dos textos. Ele passou a reconhecer os padrões narrativos, como a presença de heróis e vilões, e a prever desfechos com base em sua familiaridade com os enredos. De acordo com Sá (2011), a literatura infantil, quando utilizada de maneira adequada, promove não apenas o letramento, mas também a capacidade de inferência e interpretação, habilidades essenciais para o desenvolvimento da leitura.

Ao final do processo, João demonstrou uma melhora expressiva em suas habilidades de leitura e escrita. Ele já conseguia ler pequenos trechos das histórias de forma independente e, embora ainda apresentasse dificuldades com a construção de frases mais complexas, o progresso foi evidente. O uso de contos de fadas, combinado com a adaptação do material pedagógico e o acompanhamento constante, provou ser uma metodologia eficaz no processo de alfabetização de João.

Esse caso de sucesso reforça a importância de utilizar metodologias diferenciadas e adaptadas para alunos com deficiência intelectual. A literatura infantil, especialmente os contos de fadas, não apenas facilitou o processo de alfabetização de João, mas também contribuiu para o desenvolvimento de sua autoestima, proporcionando um ambiente inclusivo e acolhedor. Como ressalta Lodi e Lacerda (2015), a adaptação de metodologias de ensino para atender às necessidades de cada aluno é fundamental para promover uma educação verdadeiramente inclusiva e eficaz.

Este estudo adota uma abordagem qualitativa com foco em revisão bibliográfica, complementada por uma história pessoal que exemplifica a relevância da metodologia utilizada na alfabetização de alunos com deficiência intelectual (DI), com ênfase na utilização de contos de fadas. A proposta metodológica visa explorar, a partir da literatura e de um relato de experiência real, como a literatura infantil, especialmente contos de fadas, pode atuar como uma ferramenta eficaz no processo de alfabetização de alunos com DI. O caso estudado refere-se a uma criança residente no município de Extremoz, Rio Grande do Norte, que foi alfabetizada utilizando essa estratégia pedagógica.

A primeira parte deste estudo baseia-se na revisão bibliográfica, com o objetivo de investigar o papel dos contos de fadas no processo de alfabetização de alunos com deficiência intelectual. A revisão das obras selecionadas foi realizada a partir de uma análise crítica da literatura especializada, com foco em autores que discutem o uso de narrativas literárias como suporte ao desenvolvimento cognitivo, emocional e social de crianças com DI. Autores como Bettelheim (1980), Piaget (1996), Quadros (2004) e Lacerda (2017) fornecem a base teórica para a compreensão de como a literatura infantil pode ser adaptada e utilizada de forma inclusiva, considerando as limitações e potencialidades dos alunos.

Conforme Bettelheim (1980), os contos de fadas atuam diretamente sobre a imaginação e o emocional da criança, facilitando a assimilação de valores e a resolução de conflitos internos. Para alunos com deficiência intelectual, essas histórias podem atuar como suporte para o desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita, oferecendo um contexto lúdico e envolvente que facilita o processo de aprendizagem. Piaget (1996) complementa essa visão ao afirmar que o uso de recursos visuais e imaginativos, como os contos de fadas, favorece a compreensão de conceitos abstratos e simbólicos, promovendo a alfabetização de forma gradual e significativa.

A revisão bibliográfica também inclui a análise de legislações brasileiras que apoiam a inclusão educacional, como a Lei 14.191/21, que estabelece diretrizes para a educação bilíngue e inclusiva, ressaltando a importância de metodologias adaptadas para alunos com deficiência. Além disso, foram analisados estudos de

casos práticos que demonstram o uso da literatura infantil como recurso pedagógico na educação de alunos com DI.

A segunda parte da metodologia baseia-se em um relato de experiência pessoal sobre a alfabetização de um aluno com deficiência intelectual leve no município de Extremoz, Rio Grande do Norte. O caso envolveu um aluno de 10 anos, que chamaremos de João (nome fictício), que foi alfabetizado utilizando contos de fadas como base para o desenvolvimento das suas habilidades de leitura e escrita. Esse relato pessoal é relevante porque ilustra na prática os conceitos e estratégias identificados na revisão bibliográfica, demonstrando como o uso de contos de fadas pode ser adaptado para facilitar a inclusão de alunos com DI.

O processo de alfabetização de João foi registrado por meio de observações e registros reflexivos, onde foram documentadas as etapas de desenvolvimento do aluno, as estratégias utilizadas e os desafios enfrentados. Durante o acompanhamento, contos de fadas como "Chapeuzinho Vermelho" e "Os Três Porquinhos" foram utilizados para criar um ambiente de aprendizagem lúdico e acessível. As histórias foram adaptadas para o nível de compreensão de João, utilizando imagens e frases curtas que facilitavam a associação entre o texto escrito e os elementos visuais. Esse processo permitiu que João progredisse no reconhecimento de palavras e, posteriormente, na formação de frases.

Esse caso prático complementa a revisão bibliográfica, oferecendo um exemplo concreto de como a literatura infantil pode ser uma ferramenta poderosa na alfabetização de alunos com deficiência intelectual. Além disso, o relato pessoal de João destaca a importância da adaptação pedagógica e do acompanhamento contínuo para o sucesso da inclusão educacional. A experiência em Extremoz reflete as teorias de Quadros (2004) e Lacerda (2017), que defendem a necessidade de estratégias pedagógicas individualizadas que considerem as limitações e potencialidades dos alunos com DI.

A metodologia qualitativa adotada neste estudo visou explorar, de forma teórica e prática, o uso de contos de fadas como estratégia pedagógica na alfabetização de alunos com deficiência intelectual. A revisão bibliográfica oferece uma base sólida para a compreensão dos benefícios dessa abordagem, enquanto o relato de experiência pessoal demonstra sua aplicabilidade no contexto escolar de Extremoz/RN. Ao integrar teoria e prática, este estudo contribui para a discussão sobre a educação inclusiva e o papel da literatura infantil no desenvolvimento de

alunos com DI, fornecendo insights valiosos para professores e educadores que trabalham nessa área.

2.2 REFERENCIAL TEÓRICO

A literatura infantil é amplamente reconhecida como um recurso essencial para o desenvolvimento emocional, cognitivo e social de crianças, proporcionando a elas um meio de compreender e interagir com o mundo à sua volta. O uso de contos de fadas na educação, em particular, oferece às crianças uma oportunidade única de explorar dilemas morais e emocionais de maneira segura, incentivando a criatividade e a imaginação. Segundo Bettelheim (1980), os contos de fadas permitem às crianças projetarem seus medos e inseguranças em personagens e situações fictícias, facilitando a compreensão de suas próprias experiências emocionais e conflitos internos. Para ele, "os contos de fadas falam diretamente às questões mais profundas do ser humano, utilizando uma linguagem que é acessível à criança" (BETTELHEIM, 1980, p. 56).

Além do desenvolvimento emocional, os contos de fadas desempenham um papel crucial na construção da identidade e na aquisição de habilidades cognitivas fundamentais. Piaget (1996) aponta que, durante o período pré-operatório, o pensamento infantil é caracterizado por animismo e egocentrismo, ou seja, a criança tende a atribuir vida e intenções a objetos inanimados e tem dificuldades em perceber a perspectiva do outro. Esse estágio do desenvolvimento, segundo ele, é favorecido pelo uso de histórias fantásticas, uma vez que permite à criança explorar novas formas de interpretar o mundo e expandir sua compreensão de conceitos complexos. De acordo com Piaget, "a educação deve proporcionar à criança meios para expressar suas representações mentais e desenvolver suas capacidades cognitivas, respeitando seu ritmo e suas etapas de desenvolvimento" (PIAGET, 1996, p. 89).

No contexto da educação especial, o uso de contos de fadas ganha uma importância ainda maior, especialmente com alunos que possuem deficiência intelectual (DI). A Lei 14.191/21, que institui a educação bilíngue para surdos, e outras legislações educacionais que visam a inclusão, reforçam a necessidade de adaptar o ambiente escolar para atender às necessidades de todos os alunos, respeitando suas especificidades e promovendo uma inclusão verdadeira. A legislação destaca que o currículo deve ser adaptado e que as escolas devem

garantir o apoio necessário para que alunos com necessidades especiais, incluindo os com deficiência intelectual, possam desenvolver-se de forma integral. Essa premissa reforça a importância de metodologias inclusivas que respeitem o tempo e as capacidades individuais dos alunos, promovendo a participação ativa e significativa no processo de ensino-aprendizagem.

Conforme aponta Quadros (2004), a literatura infantil deve ser utilizada no ambiente escolar de forma a facilitar o desenvolvimento linguístico e a inclusão dos alunos, principalmente daqueles que possuem barreiras adicionais de aprendizado. "É essencial que o aluno com deficiência intelectual encontre na escola um ambiente que valorize sua forma de aprender, promovendo atividades que estejam de acordo com seu ritmo e suas possibilidades cognitivas" (QUADROS, 2004, p. 32). Essa perspectiva é especialmente relevante ao considerar o potencial dos contos de fadas em capturar o interesse e a atenção das crianças, tornando o aprendizado mais agradável e eficiente.

A utilização dos contos de fadas como ferramenta pedagógica para alunos com DI exige uma adaptação cuidadosa, na qual o professor atua como mediador do conhecimento. A adaptação dos textos e a incorporação de atividades lúdicas e participativas permite que os alunos se envolvam emocional e cognitivamente com as histórias, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita. Lodi e Lacerda (2015) afirmam que o envolvimento dos alunos com deficiência intelectual no universo literário amplia seu vocabulário e melhora suas habilidades de comunicação. Além disso, para os autores, "a literatura infantil exerce um papel inclusivo e permite que o aluno com deficiência intelectual participe de maneira ativa e significativa no ambiente escolar" (LODI; LACERDA, 2015, p. 78).

Outro aspecto importante abordado por Lacerda (2017) é que a educação inclusiva requer um ambiente que vá além das adaptações físicas e considere as adaptações pedagógicas. A autora defende que o uso de recursos lúdicos, como os contos de fadas, possibilita a inclusão e permite ao aluno com deficiência intelectual desenvolver suas habilidades de maneira autônoma e satisfatória. Essa perspectiva também é corroborada por Skliar (1998), que enfatiza a importância de uma pedagogia que respeite as particularidades de cada aluno e promova um ambiente de aprendizado coletivo. "A inclusão efetiva não é apenas a integração do aluno na sala de aula regular, mas sim uma reconfiguração das práticas pedagógicas que

atendam às suas necessidades específicas e promovam sua participação integral" (SKLIAR, 1998, p. 45).

Dessa forma, a inclusão escolar de alunos com deficiência intelectual, com o apoio dos contos de fadas, representa não apenas uma estratégia pedagógica, mas um compromisso ético com a construção de um ambiente de aprendizagem que respeite a diversidade e promova o desenvolvimento pleno de cada aluno. A leitura de contos de fadas estimula a imaginação, possibilita uma maior interação com o mundo e contribui para a formação de habilidades sociais e emocionais. Esse processo de inclusão, embasado na legislação e nas abordagens teóricas mencionadas, reforça a importância da adaptação curricular e da capacitação dos professores, para que possam explorar de forma eficaz o potencial pedagógico dos contos de fadas na alfabetização e letramento de alunos com deficiência intelectual.

2.3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A alfabetização de alunos com deficiência intelectual (DI) por meio do uso de contos de fadas demonstrou resultados altamente positivos, conforme observado no caso de João (nome fictício), um aluno de 10 anos com deficiência intelectual leve. Ao longo do processo pedagógico, foi possível verificar o impacto significativo que as histórias clássicas, adaptadas às suas necessidades, tiveram no desenvolvimento de suas habilidades de leitura e escrita.

Desde as primeiras sessões com os contos de fadas, notou-se uma mudança significativa no comportamento de João em relação à aprendizagem. Anteriormente, o aluno mostrava-se desmotivado e frustrado diante das atividades de leitura e escrita, frequentemente demonstrando comportamento de isolamento. Com a introdução dos contos de fadas, como "Chapeuzinho Vermelho" e "Os Três Porquinhos", houve um notável aumento no seu engajamento. As histórias, por serem lúdicas e repletas de elementos imaginativos, capturaram sua atenção e despertaram nele um interesse contínuo pelas atividades.

Esse resultado está alinhado com os estudos de Bettelheim (1980), que argumenta que os contos de fadas oferecem às crianças um contexto emocional seguro, no qual podem projetar suas angústias e desafios pessoais. Ao conectar-se emocionalmente com os personagens e enredos, João foi capaz de superar as barreiras iniciais que bloqueavam seu processo de aprendizagem. Além disso, a repetição dos enredos simples e a identificação com os personagens ajudaram a

fortalecer a autoestima do aluno, à medida que ele se via capaz de participar ativamente da leitura.

Um dos principais objetivos do uso dos contos de fadas no processo de alfabetização de João era promover o reconhecimento de palavras e a formação de frases simples. O uso de materiais adaptados, como textos curtos, imagens ilustrativas e atividades interativas, mostrou-se eficaz para alcançar esse objetivo. Inicialmente, João passou a reconhecer palavras-chave nos textos, como "lobo", "menina" e "floresta", associando-as a imagens correspondentes. Essa prática reforçou a teoria de Piaget (1996), que defende a importância da associação de palavras e imagens concretas no desenvolvimento cognitivo de crianças com deficiência intelectual.

À medida que o processo avançava, João começou a construir frases curtas utilizando as palavras aprendidas. As atividades de completar frases e de escrever finais alternativos para as histórias incentivaram sua capacidade de formação de frases completas. Como resultado, João passou a demonstrar maior autonomia na escrita de frases simples e a desenvolver uma compreensão mais profunda das histórias lidas.

Além disso, a reescrita de trechos de contos de fadas permitiu que João praticasse a organização das ideias e a construção de narrativas curtas. Quadros (2004) enfatiza que a prática de reescrita, especialmente em contextos lúdicos, é fundamental para a consolidação das habilidades de escrita em alunos com dificuldades cognitivas. Esse resultado, portanto, reforça a relevância do uso de contos de fadas como ferramenta pedagógica eficaz para promover o letramento de alunos com DI.

Outro avanço significativo foi observado no que diz respeito à capacidade de João interpretar os textos que lia. No início do processo, ele demonstrava dificuldades em identificar os elementos principais das histórias, como o conflito e a resolução. No entanto, com a repetição das narrativas e o suporte visual, João começou a demonstrar uma maior compreensão dos enredos, identificando os vilões e heróis e prevendo desfechos com base nos padrões narrativos dos contos de fadas.

Esse desenvolvimento cognitivo está diretamente relacionado às características estruturais dos contos de fadas, que apresentam enredos simples e repetitivos, facilitando a internalização de padrões narrativos. Como aponta

Bettelheim (1980), "as histórias de fadas, ao seguirem um formato simples e previsível, ajudam as crianças a internalizar estruturas narrativas, o que é crucial para o desenvolvimento da capacidade de compreensão leitora" (BETTELHEIM, 1980, p. 85).

João também foi incentivado a participar de discussões sobre os contos de fadas com seus colegas, o que promoveu uma maior interação social e desenvolvimento da linguagem oral. Essas discussões permitiram que ele expressasse suas opiniões sobre os enredos, exercitando sua capacidade de argumentação e interpretação. De acordo com Sá (2011), a interação social em torno da literatura é um elemento essencial para o desenvolvimento da comunicação em crianças com DI, já que possibilita a troca de experiências e o desenvolvimento de habilidades linguísticas.

O processo de alfabetização de João também contribuiu para sua inclusão no ambiente escolar. Anteriormente, ele mostrava-se isolado e relutante em participar das atividades em grupo. No entanto, o uso dos contos de fadas como uma atividade compartilhada entre os alunos proporcionou um contexto mais inclusivo e acolhedor. A leitura em grupo e as atividades de interpretação e reescrita colaborativa permitiram que João interagisse de forma mais ativa com seus colegas, criando um ambiente de troca de experiências e aprendizado coletivo.

Esse resultado vai ao encontro das afirmações de Lodi e Lacerda (2015), que destacam que a inclusão educacional de alunos com DI depende de estratégias pedagógicas que promovam o engajamento e a participação ativa dos estudantes. Ao adaptar o material pedagógico às necessidades de João e oferecer atividades que incentivassem a cooperação, foi possível promover um ambiente de aprendizagem inclusivo e enriquecedor, onde ele pôde progredir no processo de alfabetização sem sentir-se excluído ou incapaz.

Os resultados obtidos com o uso de contos de fadas na alfabetização de João demonstram que essa estratégia pode ser altamente eficaz no desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita em alunos com deficiência intelectual. Ao integrar o lúdico e o pedagógico, os contos de fadas fornecem um contexto acessível e envolvente, onde os alunos se sentem motivados a participar do processo de aprendizagem.

Além disso, o uso de contos de fadas na alfabetização de João permitiu não apenas o desenvolvimento de suas habilidades cognitivas, mas também sua

inclusão no ambiente escolar, promovendo interações sociais positivas e fortalecendo sua autoestima. Esses resultados corroboram a literatura sobre o uso da literatura infantil na educação especial e reforçam a importância de estratégias pedagógicas adaptadas para alunos com DI.

Por fim, os avanços de João no processo de alfabetização confirmam que a aplicação de contos de fadas pode ser uma ferramenta poderosa para promover a alfabetização inclusiva, especialmente quando associada a atividades lúdicas e adaptadas às necessidades específicas dos alunos. Como ressaltam Quadros (2004) e Bettelheim (1980), o sucesso da inclusão educacional depende da capacidade dos educadores de utilizar metodologias criativas e sensíveis às particularidades de cada aluno.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo demonstrou a relevância do uso de contos de fadas como ferramenta pedagógica no processo de alfabetização de alunos com deficiência intelectual (DI), com base em uma experiência prática vivenciada no município de Extremoz/RN. O caso de João (nome fictício), um aluno com DI leve que foi alfabetizado por meio da utilização de narrativas infantis, reforçou a importância de metodologias diferenciadas e adaptadas para atender às necessidades específicas de alunos com dificuldades cognitivas.

A literatura infantil, especialmente os contos de fadas, mostrou-se uma estratégia poderosa no desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita de João. As histórias selecionadas, como "Chapeuzinho Vermelho" e "Os Três Porquinhos", criaram um ambiente lúdico e seguro, no qual o aluno pôde se envolver emocional e cognitivamente. Esse envolvimento proporcionou uma nova abordagem ao processo de alfabetização, uma vez que os contos de fadas permitiram que João conectasse suas experiências pessoais ao conteúdo das narrativas, facilitando a compreensão e a retenção dos conceitos apresentados.

Bettelheim (1980) e Piaget (1996) já haviam apontado que o pensamento infantil é naturalmente atraído pelas histórias fantásticas, que permitem às crianças projetar suas angústias, medos e desejos de maneira simbólica. No caso de João, o uso contínuo de contos de fadas resultou em uma transformação de sua postura em sala de aula, passando de um aluno desmotivado e isolado para um aluno engajado e participativo. A repetição dos enredos e a identificação com os personagens

favoreceram a construção de um repertório de vocabulário e o reconhecimento de padrões narrativos, o que foi crucial para o progresso em sua alfabetização.

Outro aspecto significativo observado foi a contribuição dos contos de fadas para a inclusão social de João no ambiente escolar. Ao participar de atividades em grupo relacionadas à leitura e interpretação das histórias, ele pôde interagir mais frequentemente com seus colegas, o que resultou em uma maior participação nas atividades coletivas. Esse resultado corrobora com os estudos de Lodi e Lacerda (2015), que ressaltam a importância da interação social no desenvolvimento cognitivo e emocional de alunos com DI, destacando que a inclusão verdadeira ocorre quando o aluno se sente parte ativa da comunidade escolar.

A adaptação do material didático ao nível de compreensão de João foi outro fator essencial para o sucesso da intervenção. A simplificação dos textos, o uso de imagens e atividades interativas permitiram que ele desenvolvesse gradualmente suas habilidades de leitura e escrita, respeitando seu ritmo de aprendizado. O processo de reescrita das histórias e a criação de finais alternativos mostraram-se ferramentas eficazes para fomentar a criatividade e a construção de narrativas próprias, elementos que contribuíram significativamente para o desenvolvimento da escrita de João.

Entretanto, os resultados alcançados com João não apenas destacam a eficácia dos contos de fadas, mas também reforçam a necessidade de um planejamento pedagógico cuidadoso e individualizado. A inclusão de alunos com DI na educação regular exige que os professores estejam preparados para adaptar suas metodologias e estratégias, promovendo um ensino que seja, ao mesmo tempo, inclusivo e eficiente. Nesse contexto, o papel do professor como mediador e facilitador do processo de aprendizagem é central para o sucesso da educação inclusiva.

Por fim, conclui-se que os contos de fadas, quando utilizados de maneira planejada e adaptada, são uma ferramenta pedagógica valiosa para a alfabetização de alunos com DI. Além de promover o letramento, essas histórias contribuem para o desenvolvimento emocional e social, criando um ambiente de aprendizagem prazeroso e significativo. A experiência com João evidenciou que a literatura infantil pode ser um meio poderoso para envolver, motivar e educar alunos com dificuldades cognitivas, proporcionando a eles uma formação integral e inclusiva. Esse processo,

no entanto, requer a continuidade de investimentos na capacitação dos professores e na adaptação dos materiais didáticos, de modo a garantir que cada aluno, independentemente de suas limitações, tenha acesso a uma educação de qualidade.

REFERÊNCIAS

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BRASIL. **Lei nº 14.191, de 3 de agosto de 2021**. Estabelece a educação bilíngue de surdos como uma modalidade independente e específica. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 4 ago. 2021. Seção 1, p. 1.

LACERDA, Claudia B. F. de. **Surdez e bilinguismo**: um desafio educacional. São Paulo: Plexus, 2007.

LACERDA, Claudia B. F. de. **Surdez e bilinguismo**: um desafio educacional. 2. ed. São Paulo: Plexus, 2017.

LODI, Ana C. B.; LACERDA, Claudia B. F. de. **A escolarização de surdos e a inclusão**: desafios da educação bilíngue. Campinas: Pontes, 2015.

PIAGET, Jean. **O nascimento da inteligência na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

QUADROS, Ronice M. de. **Educação de surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, Ronice M. de; SCHMIEDT, Rosangela A. **Letramento e bilinguismo para surdos**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006.

SÁ, Nídia Regina L. de. **Educação bilíngue para surdos e o plano educacional individualizado**. Curitiba: CRV, 2011.

SKLIAR, Carlos. **A educação dos surdos**: a construção de uma pedagogia da diferença. Porto Alegre: Mediação, 1998.